

6 Considerações sob a ótica das teorias do Design

Após a pesquisa de campo, a partir dos dados obtidos, é possível retomar as indagações que geraram este estudo e tentar respondê-las,

- Qual o contexto e o cenário onde é necessária a construção artesanal dos objetos de ensino-aprendizagem?

As entrevistas (anexos) com as professoras Flavia, Beatriz e Juliana, da Escola A (Instituto de Educação); e das professoras Fernanda, Marina e Bruna, da Escola B (Aldeia Montessori), deixam claro que o livro não se aproxima da realidade do aluno, mas o material que elas produzem sim, por ser adaptado para a realidade da turma em que trabalham. “Buscamos um reforço visual de nosso conhecimento por muitas razões; a mais importante delas é o caráter direto da informação, a proximidade da experiência real” (Dondis, 2007, p.6).

A experiência na carreira docente permite ao professor perceber o que é mais favorável, mais atrativo e que o auxiliará no ensino de acordo com a realidade da turma em que trabalha. O professor tenta se colocar no lugar do aluno, compreender as suas necessidades. O livro não atende ao aluno dessa forma.

O amor pela profissão e o gostar de produzir o material também exercem grande influência na construção dos objetos, já que demandam tempo e dedicação.

- O que é produzido pelo professor? Quais materiais didáticos artesanais são mais utilizados?

Os mais diversos objetos são produzidos pelos professores: cartazes, folhas fotocopiadas, livros montessorianos, fichas e nomenclatura classificada, eram os mais presentes nos campos visitados. Todavia, os materiais estão condicionados às necessidades do aluno, do professor, dos recursos disponíveis para a fabricação e às exigências de conformidade da matéria a ser lecionada. São variáveis que determinarão qual objeto será produzido.

- Qual objetivo proposto pelo docente na concepção desses objetos?

Na Escola A, o objeto é utilizado para melhorar o ensino, alcançar os ideais de cada docente. Na Escola B, o objeto vem auxiliar e concretizar o que a pedagogia prega.

- Como os objetos funcionam em sala de aula? Qual a importância desses veículos no ensino?

Em ambas escolas visitadas, os objetos de ensino têm boa receptividade pelos alunos. Segundo a professora Bruna, eles agradam tanto a alunos quanto a professores. “Eu acho que fica muito mais internalizado pra criança quando ela aprende através do material do que quando ela decora”.

- Qual a importância da Comunicação Visual na relação aluno x conteúdo x professor?

Tudo é desenvolvido intuitivamente ou a partir do que a pedagogia determina. Assim, a Comunicação Visual na relação aluno x conteúdo x professor, não é considerada pelas professoras.

Os professores das séries iniciais do ensino fundamental constroem objetos para auxiliá-los no ensino, suprimindo assim suas necessidades pessoais e seus ideais de uma educação completa. Percebe-se que, pouco conhecem sobre Design, Comunicação Visual e Semiótica. A confecção dos materiais é pautada na vivência deles e pelo que acham que é melhor para o aluno.

Mesmo tendo uma boa receptividade – os alunos gostam de utilizá-los e de fabricá-los – os elementos estruturais dos objetos não são pensados de forma a potencializar a comunicação. Cada objeto é construído seguindo o padrão estabelecido pelo professor ou pela pedagogia. Eles recorrem a propostas apresentadas a turmas anteriores ou seguem os preceitos estabelecidos pela pedagogia, sem considerar a potencialidade comunicacional do objeto.

Toda mensagem com seus signos constituintes recobrem três níveis vistos no capítulo três: primeiridade, secundidade e terceiridade. O primeiro nível (primeiridade) é o que recobre a emoção, os sentimentos. É uma associação imediata, recobre o nível do sensível e do qualitativo, é quando se percebe algo como um todo. É o primeiro contato do aluno com o material, como um todo, sem evocar suas particularidades.

Na continuidade desse contato, é alcançado o segundo nível, o da secundidade, em que se inicia a particularização do que é captado. Uma associação por contigüidade (relação de proximidade imediata). Há a comparação

com outras experiências. O cérebro estabelece as relações entre o que é visualizado e uma experiência anterior. Ou seja, o aluno começa a decifrar o que o objeto apresenta.

E na terceiridade que se estabelece a conexão mental, a percepção do todo e do particular do objeto e sua mensagem, chegando à compreensão do que é apresentado. Onde se abstrai o signo e o transforma em conhecimento; refere-se à mente, ao pensamento, isto é, à razão. O aluno compreende a finalidade do objeto, o que ele deseja transmitir, ou seja, alcança o conteúdo que o professor deseja passar.

Esses níveis de percepção que levam à leitura de qualquer mensagem, de qualquer signo, não são observados pelos professores. Ao alterar as características do objeto, o professor altera a leitura que é feita sobre este, ou seja, alterando o representâmen, o objeto (idéia) pode ser compreendido de forma diferente ou até mesmo erroneamente. Como o aluno fará a leitura da mensagem, como esta é internalizada por eles, não são considerações dos docentes.

As imagens utilizadas são obtidas de revistas, jornais, internet. Na Escola B há preocupação com a ambigüidade das mensagens e também em transmitir, através delas, a realidade “(...) você não vai botar um garotinho maior que uma... uma bicicleta maior que um garotinho, só porque quer mostrar, entendeu? Tem essa preocupação” (Marina, 2008). Ou seja, a mensagem denotativa “(...) que informa sobre o real, a concordância entre objeto e a mensagem” (Gomes Filho, 2006, p.122) é o referencial montessoriano. Há a consciência do caráter polissêmico das imagens e uma tentativa de controlar outras interpretações. Nessa escola, mesmo afirmando existir uma preocupação com nitidez e tamanho das representações pictóricas utilizadas, percebe-se que é feita uma triagem superficial dessas imagens no que tange a tamanhos e proporções, provavelmente pelo desconhecimento de padrões de resolução. Assim, acabam surgindo materiais confusos como o apresentado na figura 47.

Há muita variação tipográfica nos objetos, mas as professoras da Escola A, consideram que a letra de imprensa, em caixa alta é a melhor solução. Na Escola B, a tipografia foi escolhida pela proximidade com a letra das professoras e alunos, mantendo uma coerência no ensino-aprendizado.

A cor é tida como um elemento que atrai atenção traz vida ao material. “A cor, está de fato, impregnada de informação, e é uma das mais penetrantes

experiências visuais que temos todos em comum. Constitui, portanto, uma fonte de valor inestimável para os comunicadores visuais” (Dondis, 2007, p.64). Contudo, não há uma utilização pensada desse elemento na Escola A. O colorido é um acessório, não uma ferramenta. Em oposição, na Escola B, existe uma preocupação com o significado da cor, a mensagem que ela passa. Esses elementos podem separar os materiais por disciplina ou numa mesma disciplina estabelecer uma hierarquia, a ordem de utilização.

O objeto, no tocante à matéria-prima, é sempre pensado antes de sua construção.

É a gente se encontra, pra gente ver o que a gente vai precisar usar, como vai fazer. Por exemplo, o sistema solar, vamos fazer de quê? Como é que vai ser? Vamos fazer assim, vamos fazer com papel machê? Esse aqui é a mesma coisa? Então sempre há uma pesquisa (Marina, 2008).

Dependendo do objeto a ser manufaturado, várias matérias-primas são pensadas. O contato da criança com diversos materiais e diversas texturas é muito importante.

A partir deste panorama sobre o que pensam as professoras em relação aos elementos estruturais dos objetos de ensino-aprendizagem, notou-se que são a intuição e padronização que guiam os meios e modos de produção, exatamente por não possuírem conhecimentos básicos em Comunicação Visual, Semiótica e Design.

Segundo Dondis, “é bastante provável que o alfabetismo visual venha a tornar-se, no último terço de nosso século, um dos paradigmas fundamentais da educação” (2007, p.27). Neste trabalho, fica claro que a necessidade de um alfabetismo visual já é uma realidade, no âmbito da confecção de objetos de ensino-aprendizagem.

É louvável a criação de um objeto de ensino-aprendizagem pelo professor, para auxiliar tanto seu trabalho, quanto à compreensão de um dado conteúdo pelo aluno. Contudo é possível inferir que não há um embasamento teórico em Design, por parte dos professores, e consequentemente esses materiais não alcançam todo o seu potencial comunicacional. Percebe-se, então, a necessidade de um designer trabalhando na esfera escolar.

O designer possui os conhecimentos necessários para gerar um material comunicacional eficaz.

A complexidade do modo visual não permite a estreita gama de interpretações da linguagem. Mas o conhecimento em profundidade dos processos perceptivos que regem a resposta aos estímulos visuais intensifica o controle do significado (Dondis, 2007, p.49)

O trabalho em conjunto entre designer e professor é a resposta para criação de objetos visualmente resolvidos. Esse profissional desenvolveria os objetos, conforme as necessidades do professor. “Porque eu acho que pedagogia, aliada ao Design ia fazer com que a criança lucrasse mais com isso. Ela ia ter um entendimento científico. A gente com a parte pedagógica, com o caminho e vocês com... na confecção do material” (Professora Fernanda, 2008). Neste ponto o Design se encontra com a Educação nas relações transversais.

A atuação do designer no âmbito escolar, contudo, parece algo muito distante. Nas escolas públicas não há recursos para manter tal profissional e nas particulares essa proposta ainda não foi disseminada.

Assim, enquanto tal parceria não é possível, o professor precisa compreender a importância dos elementos estruturais do objeto de ensino e como eles devem ser tratados no processo de construção. Para tanto, são apresentadas algumas sugestões de Design, a seguir, para o desenvolvimento dos objetos pelos professores.